



Rio Grande, 27 de outubro de 2018,

Querid@s Cirandeir@s,

Estou com saudades! Muitas vezes desde a última carta pensei em escrever, mas fui atropelada pelas atividades de bancas, eventos, seleções e não dei conta. Também nasceu Ana Luiza, minha neta querida, filha do Cezar, sobrinha da Aline, então estamos deveras atribulados e felizes.

Escrevo para dizer que estamos no momento de escrita da primeira versão de nossos relatos. Acompanha esta carta que escrevo a vocês, a carta que Aline me escreveu e minha resposta. Ela e eu resolvemos escrever um relato em dupla e por isso estamos trocando cartas sobre nossas decisões. Nas cartas decidimos sobre o que estudar, o que ter como foco de análise. No nosso caso duas experiências: o Cirandar pela Aline e uma sala de aula da Licenciatura em Ciências a Distância por mim! Vejam que nas cartas temos tentado sair do formato acadêmico de citação colocando as referências em nota de roda-pé. As minhas ainda incompletas. Isso porque quando recebemos os relatos finais muitos deles vêm com as referências incompletas. Não muda muito, as informações necessárias são quase as mesmas, mas entendemos que em uma carta não cabem longas citações como nos trabalhos acadêmicos, assim sugerimos trabalhar as citações conversando com elas mais do que apenas as citando literalmente. E por que isso? Para exercitarmos uma escrita com autoria. Claro que são importantes para todo professor as leituras e também temos que saber citá-las corretamente, mas entendemos que pode ser um exercício produtivo escrevermos a partir delas. O que vocês acham?

Assim como vocês, estou muito aflita como o resultado das eleições de amanhã. Parece que nós, professor@s, mas não podemos esmorecer. Nossa responsabilidade é de sempre irmos na contra-corrente de análises superficiais e irmos em direção a um mundo melhor. Assim, aqui manifesto meu desacordo com qualquer discurso de violência. Também não posso concordar com a desvalorização da docência. Me solidarizo com os professores estaduais e estou a seu lado para a resistência a parcelamentos de salário e desvalorização profissional. Não sei se poderemos estar dizendo tudo o que pensamos abertamente com os

resultados que teremos no domingo ainda, dada a eficiência de nosso sistema eleitoral por um lado e ao momento de violência que se espalha em diferentes lugares por outro. Resistência é a palavra que me vem à mente. Não podemos aceitar o discurso da educação à distância na educação infantil, do fim da merenda escolar e da função de merendeiras nas escolas, da militarização da escola pública, da terceirização de creches em espaços religiosos. Estejam atentos aos discursos de desvio de verbas públicas aos setores privados! Existem excelentes análises sobre as propostas dos dois candidatos. Uma das referências que tenho usado é o Blog de Luis Carlos de Freitas, professor com larga experiência sobre políticas públicas. Outro blog de referência para mim é o do Prof. João Wanderley Geraldi, que desafia a pensar outros modos de fazer nossa sala de aula com excelentes ensaios sobre literatura. Mas embora ele tenha sido professor de Português e Literatura, a sala de aula que ele propõe como acontecimento pode ser ideia para qualquer professor de qualquer nível e modalidade de ensino.

Não caímos nos discursos de Reforma do ensino Médio, uma furada em que eu mesma fui vítima nos anos 70 do século passado! Também não caímos facilmente nas BNCC como solução e orientação dos conteúdos a ensinar! Não precisamos desta base. E talvez vocês pensem que é preciso de base, alguma, de orientação. Sim, muita gente pensa nisso! Eu, ao contrário, penso que não precisamos, mas isso é conversa para outro momento. Isso estudei no relato passado do Cirandar! Este ano estarei discutindo, como vocês lerão na minha carta a Aline, as questões étnico-raciais, as políticas públicas, as cotas nas universidades públicas. Só para pensar, quem é professor sabe, como uma escola em precárias condições poderá ofertar diferentes itinerários formativos? Vai alguém pensar nos 40% de conteúdo específico de uma região se o cai nas provas de SAEB, SINAES, ANA etc, são os 60%? Ilusão está sendo vendida aos incautos.

Então agora é hora de, a partir do tema de estudo e da experiência pedagógica escolhida, iniciar a escrita do relato e, como eu disse, evitando as citações tão valiosas nos trabalhos acadêmicos que fizemos. Vamos trabalhar as ideias que estes autores trazem e que permitem pensar na sala de aula que escolhemos. Registrar no diário, estudar, escrever. O envio do relato no www.sinsc.furg.br é até o final de novembro, mais precisamente 29 de novembro. Mãos à escrita então para depois iniciarmos a leitura dos relatos dos colegas para a eles escrevermos uma carta sobre a experiência relatada. Temos muito trabalho. Estou na torcida por amanhã! Um forte abraço, com afeto, força, resistência, leitura de mundo! Freire

na escola, por favor. Liberdade de expressão, autonomia aos professores e às escolas. Fortes sempre, MC!



Rio Grande, 02 outubro de 2018

Cirandeira, Maria!

Quero dizer do meu desejo de começar a escrever essa carta, mas várias atividades não permitiam encontrar as palavras para iniciar. No final de tarde de uma terça-feira, enquanto aguardava a apresentação de uma aluna na MPU, na nossa sala do Ceacimecim, dei início a escrita dessa carta.

Essa escrita é mobilizada pelo nosso desejo de estudar a respeito da experiência, e assim pensar nosso Cirandar como experiência. O Cirandar é vivido como experiência, desde nossa história nos encontros da Rede de Investigação na Escola, de uma agradável conversa que tivemos com Daniel, no encontro da Rede Ibero-americana de Investigação na Escola, em Córdoba na Argentina, no ano de 2010.

Algumas perguntas me levam a pensar: como se mostra o Cirandar na formação de professores? Mostra-se como uma experiência ao professor que nele decide participar? Convido a pensar o Cirandar como uma experiência, ao invés de mostrar as experiências narradas pelos professores durante esses anos.

Então, vamos ao estudo? Lembrei do estudo etimológico da palavra experiência realizado pelo Cezar na sua dissertação de mestrado, e resgatei alguns entendimentos para nossa conversa. Experiência descrita desde a Antiguidade (70 a. C.) como “prática, destreza”; no latim *Experientia* (ciência experimental) e *Experiri* (prova para conhecer a verdade).

Motta (2015) buscou também o sentido filosófico da palavra experiência, discute o empirismo sensorial (a experiência como uma verdade absoluta) e racionalismo crítico-experimental (a experiência como instrumento de investigação) e distingue do sentido semântico atribuído ao conceito da experiência na educação¹.

¹ MOTTA, Cezar. A experimentação nos projetos político pedagógicos de curso das licenciaturas em Química na EaD – SISUAB. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio

Diante da complexidade do sentido filosófico da palavra experiência, aqui podemos aprofundar nosso estudo. Lembrei do dicionário filosófico (estava na nossa sala) das várias páginas sobre o significado da palavra experiência, que não me atrevi a ler sozinha.

Somos curiosas e inquietas, talvez por isso nosso desejo de caminhar pelo estudo da hermenêutica filosófica, e então realizar um estudo hermenêutico sobre a experiência. Encontro nas leituras de Jorge Larrosa o convite para reivindicar a experiência e fazer soar de outro modo a palavra experiência. Visto que a experiência foi menosprezada tanto pela racionalidade clássica e moderna, tanto na filosofia quanto na ciência².

O autor aponta que é preciso desconfiar da experiência quando se trata de fazer uso da razão, nesse entendimento o saber está em outro lugar distinto do da experiência. Desse modo, a linguagem da ciência, linguagem da teoria, não pode ser a linguagem da experiência. Na ciência a experiência é aquela objetivada, homogeneizada, controlada, fabricada, convertida em experimento.

Nossas inquietações se fazem presente, afinal somos professoras de Química. De que modo o conceito da experiência esteve presente na nossa formação?

Entendo que nossa história de formação no Cirandar nos convida a pensar a experiência de outro modo, afinal, a experiência da escrita, a experiência da pergunta, a experiência da conversa, são modos de nos desacomodar, e assim reconstruir a palavra experiência de suas conotações empíricas e experimentais.

Na escrita dessa carta tive a intenção de sinalizar e convidar para um estudo sobre sentido filosófico da palavra experiência. Aceita meu convite? Como se mostra a experiência nos seus estudos sobre a hermenêutica filosófica?

Grande, 2015.

² LAROSSA, Jorge. Tremores: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.



Rio Grande, 16 de outubro de 2018,

Querida Cirandeira Aline!

Iniciei a escrita desta carta na semana passada, mas esqueci de colocá-la em algum lugar para poder continuar a escrevê-la longe do computador, mas quando cheguei em Belo Horizonte vi que não estava em nenhum lugar do meu computador (agora pode ser que a tenha salvo no pendrive, mas não olhei quando estive longe). Sim, eu também por várias vezes pensei em escrever esta carta, em respondê-la, já que decidimos trabalhar juntas neste Cirandar 2018, mas a vida de aposentada parece até mais corrida do que a da professora na ativa. São múltiplas as atividades, me anunciava o Prof. Ghiggi da UFPEL, que me acompanha nesta nova forma de exercer a docência. Além da FURG, outras universidades e escolas me descobriram com horário mais livre e assim estou envolvida em muitos pareceres, bancas. E a leitura de literatura tem me encantado, uma leitura menos corretiva e mais prazerosa, nem por isso menos profunda e desafiadora e ler por prazer leva tempo.

Sim, aceito teu convite para estudarmos os sentidos da experiência para compreendermos mais o Cirandar, teu foco de estudo, como experiência e a minha experiência em uma sala de aula de uma licenciatura em Ciências EaD.

Na carta lembramos bem de nossa conversa ao inventarmos o Cirandar, lá nos idos 2010 em Córdoba e de lá até agora estamos fazendo cirandas e cirandas e me propões compreender o Cirandar como experiência. Na tua carta já mostras sentidos das palavras experiência a partir da pesquisa do nosso querido Cezar. Vejo na leitura de tua carta que já avançastes no estudo da palavra experiência e tua experiência a investigar é o próprio Cirandar. Minha experiência, no sentido que construí até agora, é, como escrevi em uma das cartas enviadas às Cirandeir@s, uma aula de Ciências EaD em que se discutem questões étnico-raciais, políticas públicas e a docência em Ciências. O encontro com a negritude e a busca de seu encontro em minha história me derrubou, como afirma Larrosa nesta mesma obra que citaste em tua carta.

Te pergunto, e como vais compreender os sentidos da experiência do Cirandar? Ou dizendo de outro modo, faremos um estudo filosófico da palavra, mas com uma intenção

prática de compreender mais o Cirandar. É isso? Então, teu olhar empírico seria para o quê no Cirandar?

Te pergunto porque meu olhar empírico nesta experiência da negritude parece se voltar para as cartas que os alunos me escreveram contando, assim como fiz também em carta dirigida a eles, do encontro com a negritude em suas histórias e lembranças.

Então penso que temos dois movimentos, o estudo teórico com os teóricos que citaste, especialmente o livro grosso que mencionaste, Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano³, que está aqui comigo e devo pagar multa para a FURG, que mais incomoda do que custa em moeda. E o que Larrosa⁴ vem escrevendo sobre esta palavra. O outro movimento é a compreensão de um fenômeno, de uma experiência. No meu caso a aula e no teu a Cirandar.

Estes dois movimentos parecem-se ser análogos ao que Gadamer⁵ propõe em um de seus escritos: da palavra ao conceito e depois do conceito à palavra. O que entendo disso? Que qualquer dos dois movimentos são válidos. O teu parece mais estar indo do movimento da palavra ao conceito. O meu do conceito à palavra, entendendo que eu tenha alguma compreensão deste conceito, mas o irei aprofundar e certamente ele mesmo irá me derrubar ao estudá-lo.

Deste modo, o corpo empírico que irei analisar nesta experiência são as cartas dos alunos e minhas respostas em pequenos filmes a cada um deles. Tanto as cartas dos alunos quanto às minhas respostas em vídeos se encontram no ambiente virtual Moodle da disciplina em análise.

E deves estar pensando porque isso foi considerado uma experiência. E te adianto, mesmo que ainda como pequenas constatações, que sempre me considerava letrada nesta questão. Foi a escrita de minha carta que me fez ver como as questões étnico-raciais se colonizaram e que a desigualdade está naturalizada na nossa sociedade. Como afirma Jessé de Souza⁶ em seu livro a Elite do Atraso, que espero venha a Rio Grande, não o livro, mas seu autor, aborda nosso esquecimento dos 400 anos de escravidão. E para escravizar é preciso odiar de modo a poder maltratar, assim os negros foram esquecidos, abandonados e esse ódio aos negros, com o tempo, se transferiu para os pobres, também colocados em odos

³ Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano

⁴ Tremores de Jorge Larrosa

⁵ Hans George Gadamer, livro do Luis Almeida sobre Hermenêutica Filosófica

⁶ Jessé de Souza, a Elite do Atraso

de servidão. Segundo este autor, a classe média odeia os pobres, por isso, da mesma forma que aos negros foram dadas condições quase sub-humanas de vida, aos pobres foi-lhes transferido este ódio intenso e atribuído preguiça, incapacidade de trabalho, burrice e outros atributos a eles designados. Por isso para muitos é difícil entender a importância das cotas para negros, indígenas e minorias. E para nós, professor@s, isso é fundamental entender a diferença de capital cultural, também uma diferença de classe.

Mas um aspecto da leitura das cartas que me escreveram que sobressai é que os relatos de muitos alunos brancos afirmam não ter percebido qualquer discriminação aos negros. Quando os relatos são de alunos negros aí sim há situações de descaso, desvalorização e preconceito. Este é para mim um sinal da naturalização. Te pergunto, não estaria aí esta cegueira naturalizada, uma cegueira branca tão bem descrita por José Saramago⁷ em seu livro Ensaio sobre a Cegueira?

No período do início da carta fomos ao EDEQ, revimos amigos, fizemos minicursos, mesa-redondas. Eu depois do EDEQ fui a uma banca de seleção para professor: 39 candidatos! 10 horas de aula em um dia, currículos, um sufoco. Excelentes candidatos! Mas quanto ao que farei para nosso relato, digo que li as cartas atentamente e também vi os vídeos com minhas respostas, buscando extrair diferentes sentidos de experiência sobre a negritude para estes alunos e para mim. Depois acompanhando teu estudo, buscarei aprofundar o sentido atribuído à experiência por diferentes interlocutores. Primeiro no Houaiss⁸, dicionário de uso comum, depois na Filosofia a partir do dicionário já citado anteriormente para chegar a estes sentidos e depois um retorno aos sentidos da análise das cartas. Que te parece?

Para terminar, vi que usaste as notas de roda-pé para as referências a partir do que conversamos, para buscarmos um modo próprio de escrita que tenha seu modo de dizer da sala de aula, mas que não copie o modo dos trabalhos acadêmicos de produção científica. Fiz o mesmo nesta carta. As informações necessárias em uma referência continuam as mesmas e a intenção de fazê-las para encontrar as obras citadas também, mas pretendemos fugir às citações literais, fazendo um exercício de escrita a partir das obras, assim já um exercício de diálogo com elas. Vamos tentar? Do modo que as fiz ainda não estão completas.

⁷ José Saramago, Um Ensaio sobre a Cegueira

⁸ Antonio Houaiss, Dicionário da Língua Portuguesa

Espero que segunda estejas de volta. Estou ainda com meu calendário fora de órbita com estes dias todos em viagem. A ideia é mandarmos estas cartas aos cirandeiros, mas preciso de certa forma explicá-las.

Um bom retorno!